



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

MARCELO DE SOUZA ASSIS

DIVULGAÇÃO E EUGENIA: OS FOLHETINS PARAIBANOS DOS SÉCULOS XIX E XX

CAMPINA GRANDE

2022

MARCELO DE SOUZA ASSIS

DIVULGAÇÃO E EUGENIA: OS FOLHETINS PARAIBANOS DOS SÉCULOS XIX E XX

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado Departamento do
Curso Biologia da Universidade
Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura em
Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Bispo da Silva

CAMPINA GRANDE

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A848d

Assis, Marcelo de Souza.

Divulgação e eugenia [manuscrito] : os folhetins paraibanos dos séculos XIX e XX / Marcelo de Souza Assis. - 2022.

19 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Ana Paula Bispo da Silva ,
Coordenação do Curso de Física - CCT."

1. Eugenia. 2. História da ciência. 3. Ciência. 4. Racismo.

I. Título

21. ed. CDD 500.8

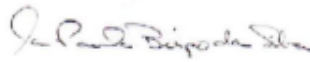
MARCELO DE SOUZA ASSIS

DIVULGAÇÃO E EUGENIA: OS FOLHETINS PARAIBANOS DOS SÉCULOS XIX E XX

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado Departamento do Curso
Biologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura em
Ciências Biológicas.

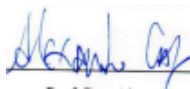
Aprovada em: 22 / 07 / 2022

BANCA EXAMINADORA



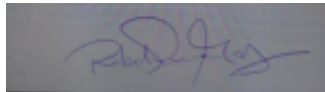
Profª. Dra. Ana Paula Bispo da Silva(Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Alexandre Campos

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Profª. Dra. Roberta Smania Marques

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai (Meu avô) e a
minha mãe (minha avó) que sempre
me incentivaram a estudar e sempre
me deram todo apoio necessário e
que podiam me dar.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 O EMBRANQUECIMENTO DA RAÇA: ORIGEM E DIVULGAÇÃO.....	7
3 O DISCURSO EMBRANQUECEDOR PARA A SOCIEDADE PELOS FOLHETINS.....	12
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	17

DIVULGAÇÃO E EUGENIA: OS FOLHETINS PARAIBANOS DOS SÉCULOS XIX E XX

¹Marcelo de Souza

RESUMO

O negacionismo em relação à ciência têm sido pauta de várias pesquisas e artigos nos últimos anos, principalmente em relação às vacinas. Porém, cabe ressaltar que por vezes a própria ciência estabeleceu preconceitos por meio de suas teorias, o que torna um pouco mais complexa a sua defesa, se tomada de forma acrítica e indubitável. É o caso dos estudos eugenistas, que por muito tempo foram divulgados e creditados como científicos. Neste estudo foram analisados os folhetins e periódicos paraibanos do século 19 e do século 20, mais precisamente do ano de 1870 a 1930. O método utilizado foi o de pesquisa bibliográfica na hemeroteca e teve como principal ponto de partida o livro *O Espetáculo das Raças* de Lilia Schwarcz (1993). Foram encontrados folhetins que defendiam e incentivavam as ideias eugenistas e defendiam a tese do embranquecimento da raça, além de ideias de que a nação só poderia se tornar uma nação desenvolvida se as ideias eugênicas fossem implementadas. Este estudo revela as raízes do pensamento eugenista na Paraíba, mostrando como a própria ciência, amparada pela divulgação, colaborou para efetivação do racismo estrutural presente na sociedade contemporânea.

Palavras-chaves: Eugenia. História da ciência. Ciência. Racismo.

ABSTRACT

Denialism in relation to science has been the subject of several researches and articles in recent years, especially in relation to vaccines. However, it is worth mentioning that sometimes science itself has established prejudices through its theories, which makes its defense a little more complex, if taken in an uncritical and undoubted way. This is the case of eugenics studies, which for a long time were publicized and credited as scientific. In this study, serials and periodicals from Paraíba from the 19th and 20th centuries were analyzed, more precisely from the year 1870 to 1930. The method used was bibliographic research in the newspaper library and its main starting point was the book *O Espetáculo das Raças* de Lilia Schwarcz (1993). Leaflets were found that defended and encouraged eugenics ideas and defended the thesis of the whitening of the race. Ideas were found that the nation could only become a developed nation if eugenic ideas were implemented. This study reveals the roots of eugenics thinking in Paraíba, showing how science itself, supported by dissemination, collaborated to bring about the structural racism present in contemporary society.

Keywords: Eugenics. History of Science. Science. Racism.

¹ Graduando em ciências Biológicas - marcelosa9x@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A recente pandemia fez emergir evidências de um negacionismo científico que têm trazido retrocesso, obscurantismo e uma crescente falta de credibilidade à ciência. Para além de discussões terraplanistas, que já faziam parte de círculos mais restritos da sociedade e se expandiram, ideias como a falta de efetividade de vacinas, colocaram em cheque a validade da ciência. Em parte essa descrença na ciência é reflexo por um lado, da falta de diálogo entre cientistas e divulgadores de ciência – mídia escrita e falada -, mas também da Educação em Ciências, que não contextualiza e historiciza de forma crítica produtos da ciência .

Em particular, a História das Ciências pode trazer vários exemplos que permitem rever argumentos de crença quanto a temas e discussões científicas. O uso de fontes históricas, científicas, metacientíficas ou de divulgação, também podem servir como recurso nessas discussões, pois caracterizam o público que tem acesso ao conhecimento científico. Estudos culturais da ciência mostram que o entrelaçamento entre a produção da ciência e outras manifestações socioculturais existiram durante toda a história e acabam refletindo no que a sociedade consome enquanto público (GUERRA e MOURA, 2022). Assim, considerando o papel da divulgação científica na apresentação de temas que requerem uma discussão ampla na construção de uma ciência crítica, neste trabalho foram pesquisados como os folhetins e periódicos brasileiros do século XIX e XX corroboraram e reforçaram a tese do embranquecimento da raça. Essa investigação se mostrou necessária para identificar como a divulgação científica pode ser nociva para sociedade quando é usada para manter estereótipos.

A metodologia usada neste estudo foi a Pesquisa bibliográfica, usando como ponto de partida o livro *O Espetáculo das Raças* de Lilia Schwarcz publicado em 1993, pois, este livro contextualiza a época em que a eugenia surgiu e cresceu, o qual nos revela que o auge das ideias eugenistas foram entre os anos de 1870 a 1930. Desse modo foi feita uma revisão nas primeiras edições que foram exibidas na hemeroteca no período 1870 a 1930 e tendo como local de busca a Paraíba. Assim, um total de 50 folhetins foram lidos e analisados dos quais apenas 2 folhetins demonstraram relevância para o estudo, que foram o folhetim *A Ideia: Revista Critica Noticiosa e Litteraria* e *O Jornal*. Depois dos 50 folhetins serem analisados apenas dois folhetins foram alvo de uma nova revisão bibliográfica utilizando “eugenia” como campo para pesquisa, e obtendo-se como resultado 34 edições desses folhetins, ocorrendo que o folhetim *A Ideia: Revista Critica Noticiosa e Litteraria* foram 1879 a 1880, já no folhetim *O Jornal* ocorreu nos anos de 1923 a 1924, dos quais apenas 7 folhetins foram usados neste estudo.

Este artigo está dividido em três partes. Inicialmente trazemos uma revisão sobre os aspectos históricos que levaram à constituição da tese do embranquecimento da raça e dos estudos eugenistas, e que nos permitiram estabelecer os critérios de análise para a pesquisa bibliográfica. Na sequência, trazemos o material encontrado nas bases de pesquisa e a respectiva análise considerando os critérios estabelecidos. Por fim, apresentamos nossa conclusão em resposta à pergunta sobre como a divulgação reforçou a ciência de maneira a tornar a sociedade mais preconceituosa do que incluyente.

2 O EMBRANQUECIMENTO DA RAÇA: ORIGEM E DIVULGAÇÃO

A tese de embranquecimento da raça desenvolvida no Brasil durante o final do século XIX e primeira metade do século XX, era uma amálgama de teorias eugenistas europeias das quais eram retiradas as ideias que poderiam ser aplicadas na miscigenada população brasileira. Também ocorreu a adaptação das ideias dentro dessas teorias que seriam mais complicadas de serem implementadas no Brasil com a finalidade de se elaborar uma nova teoria eugenista brasileira que pudesse ser usada como justificativa para manutenção da rígida hierarquia social e dos privilégios vindos do extinto regime escravocrata.

A teoria de Charles Darwin (1809 - 1882) contida na sua obra: *A origem das espécies* marcou o século XIX, no qual esta teoria está fomentando inúmeros debates tanto na comunidade acadêmica como na sociedade em geral. Ainda na sociedade contemporânea continua gerando polemias, Hofstadter (1975, p.3) já afirmava:

se muitos descobrimentos científicos afetaram profundamente maneiras de viver, nenhum teve tal impacto em formas de pensar e crer ... O darwinismo forneceu uma nova relação com a natureza e, aplicado a várias disciplinas sociais — antropologia, sociologia, história, teoria política e economia —, formou uma geração social darwinista.

Na visão de Darwin:

Em algum período futuro, não tão distante que não possa ser medido por séculos, as raças civilizadas do homem irão certamente exterminar e substituir as raças selvagens pelo mundo afora. Ao mesmo tempo, os macacos antropomorfos [...] terão sido inapelavelmente exterminados. A ruptura tornar-se-á então mais ampla, pois será entre o homem, então num estágio mais civilizado (esperamos) que o dos atuais caucasianos, e algum macaco pouco evoluído, como o babuíno, presumivelmente, em lugar da que hoje existe: entre um negro ou australiano e um gorila. (DARWIN [1871], 2019, p. 135)

Em vista disso, Darwin acreditava que as raças superiores caucasianas iriam naturalmente extinguir as demais raças inferiores. Além disto, Darwin também acreditava que apenas com uma civilização avançada poderia ter a crença em um criador universal, “na mente do homem depois que ele atingiu um grau de cultura relativamente elevado”, com a crença em “espíritos cruéis e malignos” dos “selvagens” (DARWIN [1871], 2019, p. 541). Mais uma vez Darwin usa os parâmetros da sua cultura vitoriana para medir os demais indivíduos e os classificarem como inferiores por não atingirem a nível da sua cultura.

Inspirado nas ideias de Darwin, com o qual também tinha parentesco, Francis Galton (1822- 1911) criou métodos para “medir” e “classificar”. A partir de métodos estatísticos de análise genealógica, Galton propunha restrições reprodutivas que incidiam sobre alcoólatras, epiléticos e alienados, assumindo que tais comportamentos teriam raiz genética (GALTON apud SCHWARCZ, 1993, p. 79). Além disto, Segundo Castañeda (1993), Francis Galton foi primeiro a usar o termo eugenia em 1883. De acordo Castañeda (1993), a eugenia foi qualificada como ciência e fundamentada na genética, e imporia normas para regular a vida social e biológica das populações: limpar para depois melhorar, evitando assim a degeneração da raça, era a lógica subjacente.

Nesse sentido os escritores de romances, de folhetins e demais gêneros literários, por fazerem parte da sociedade e vivendo o neocolonialismo, também foram influenciados pelas

ideias de Darwin. Assim, muitas vezes, usando-as como inspiração na criação de suas obras literárias, surgiram os romances científicos, as colunas eugenistas, muitas dessas obras tinham uma grande influência das ideias de Darwin. Misturando imaginação e as ideias de evolução, os novos povos assumiram o caráter de exóticos. O “Fardo do Homem Branco”¹, poema escrito pelo poeta britânico Rudyard Kipling (1865-1936) em 1899, e representado também no cartoon de Victor Gillam (Figuras 1 e 2) é um exemplo como o imperialismo britânico entendia os novos povos.

Figura 1: O cartoon de Victor Gillam, publicado na revista Judge de 1899, ilustra o poema “O fardo do homem branco”, com britânicos e o EUA carregando, respectivamente, China e Índia, e Cuba, Hawai e Filipinas em direção à civilização.



Fonte: Domínio público. Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/File:%22The_White_Man%27s_Burden%22_Judge_1899_\(cropped\).png](https://en.wikipedia.org/wiki/File:%22The_White_Man%27s_Burden%22_Judge_1899_(cropped).png)

Figura 2: Trechos do poema “O fardo do Homem branco”

Tomai o fardo do Homem Branco
 Enviai vossos melhores filhos
 Ide, condenai seus filhos ao exílio
 Para servirem aos vossos cativos;
 Para esperar, com chicotes pesados
 O povo agitado e selvagem
 Vossos cativos, tristes povos,

¹ Título Original: The White Man's Burden”

Metade demônio, metade criança.

Tomai o fardo do Homem Branco!
 Acabaram-se vossos dias de criança
 O prêmio leve ofertado
 O louvor fácil e glorioso:
 Vinde agora, procurai vossa virilidade
 Através de todos os anos difíceis,
 Frios, afiados com a sabedoria adquirida,
 O reconhecimento de vossos pares.”

Fonte: Disponível em <https://ensinarhistoria.com.br/o-fardo-do-homem-branco-exaltacao-do-imperialismo/>. Acesso em 09 de julho de 2020.

As políticas eugenistas, por terem como objetivo a eliminação dos indivíduos de raças consideradas inferiores, portanto, determinam quais indivíduos vivem e quais morrem baseadas em sua raça, podem ser caracterizadas dentro da noção de necropolítica que foi um termo concebido pelo filósofo Mbembe (2016).

Desde da origem, a relação entre o estado brasileiro e as pessoas negras é violenta. Em razão disto a “solução” para tornar a Brasil um país branco também foi violenta para povo negro. Neto (2021) identificou que parte dessa solução passaria não só pela educação sexual onde seria ensinado aos estudantes traços raciais desejáveis para se escolher um parceiro como também a esterilização dos indivíduos que possuísem os traços raciais indesejáveis.

Em uma carta que Darwin escreveu para Wallace, em 1864, estava as bases que proporcionavam fundamento para política de controle da natalidade e dava seleção sexual uma enorme importância “o mais poderoso meio de produzir mudanças nas raças humanas que eu conheço” e, em 1867, que tinha certeza sobre a seleção sexual ser o “principal agente a formar as raças humanas” (Darwin apud Browne, 2021, p. 19).

“Segundo os evolucionistas sociais, os homens seriam “desiguais” entre si, ou melhor, hierarquicamente desiguais, em seu desenvolvimento global” (SCHWARCZ, 1993, p.48). Este era um dos argumentos usados pelos defensores da tese do embranquecimento da raça para manter, criar os privilégios e mais direitos para indivíduos da raça branca tida como superiora em relação as demais raças. Francis Galton, primo de Darwin, proporcionou:

[...] ao movimento eugenista um requisito teórico, no qual especificidades biológicas, hoje diríamos genéticas, serviriam de fundamentação para que a reprodução – regulamentada nas uniões matrimoniais cientificamente orientadas – obedecesse a critérios definidos pela ciência da hereditariedade: a eugenia. Tudo em nome da conservação e perpetuação de características que melhorariam as condições raciais da humanidade. (COURT, p. 214-215).

Segundo Dávila (2005, p. 31, grifo do autor), a eugenia “[...] combinava diferentes teorias sobre raça, hereditariedade, cultura e influência do meio ambiente em práticas e receitas que visavam 'melhorar' uma população nacional”.

Um das dificuldades que a teoria da evolução encontrou foi convencer o homem branco europeu de que ele teria a mesma origem e a mesma habilidade do homem africano. A estratégia de Darwin e dos antropólogos foi afirmar, mesmo sem provas, que os africanos

teriam um cérebro intermediário, ou seja, os africanos teriam um cérebro menor do que os europeus e maior do que os dos gorilas(CARLOS, 2021).

As demais raças eram taxadas com inferiores não só tendo como base as medidas da antropologia que eram aferidas através da ²frenologia e da ³antropometria como também pelo nível cultural, levando em consideração que o nível de desenvolvimento tecnológico estava circunscrito no conceito de cultura vigente na época, atingido pela sua sociedade, como podemos notar pela fala de R. da Matta (1983, p.8), “De fato, concebem a ciência do homem como uma espécie de arte classificatória, sendo sua tarefa obter exemplos típicos de etapas pelas quais tem caminhado a humanidade em seu avanço até o nosso tempo e sobretudo a nossa sociedade”. Entretanto, para os europeus as sociedades deveriam ter suas culturas comparadas ao nível cultural da sociedade europeia, ou seja, qualquer raça que não gerasse uma sociedade bem desenvolvida tecnologicamente seria considerada uma raça inferior, assim desconsiderando as necessidades locais de cada sociedade.

A miscigenação peculiar que ocorria no Brasil no século XIX, já era estudada pelos cientistas e conhecida tanto pela comunidade brasileira como pela comunidade internacional. Enquanto para maioria da comunidade internacional a miscigenação brasileira era a causadora e a responsável pela persistência desse atraso do desenvolvimento da nação; para a comunidade nacional, incentivada pela comunidade científica e a elite brasileira, acreditava-se que pelo fato do Brasil ter uma grande massa de mulatos e mestiços haveria também a possibilidade de ocorrer um grande desenvolvimento da nação que seria impulsionado pelas políticas eugênicas e pelo embranquecimento da raça (SCHWARCZ, 1993).

A ciência no século XIX era vista como um fator mais de sociabilização entre os membros da elite intelectual e financeira. Além disto segundo Schwarcz (1993) a ciência era vista como um tipo de moda, moda esta que era importada da Europa, sem nenhuma ou pouca reflexão.

De acordo com Schwarcz(1993) o que impulsionava a importação, da Europa e da América do norte, e o desenvolvimento da tese do embranquecimento da raça no Brasil era a necessidade das elites econômicas e intelectuais em manterem a rígida estrutura social, que foi em parte abalada pelo fim da escravidão no Brasil e justificar a importação de mão obra. Ou seja, incentivar a imigração de povos brancos da Europa, para “ajudarem” nos esforços eugênicos da elite brasileira.

De acordo com Schwarcz(1993) como o surgimento da frenologia e da antropometria as linhas de análise se distanciavam cada vez mais do humanismo. Ou seja, se distanciavam da ideia de uma humanidade única e da ideia de que o humano em condição selvagem seria o mais próximo da perfeição. Ainda segundo Schwarcz (1993, p.39) “Recrudescia, portanto, uma linha de análise que cada vez mais se afastava dos modelos humanistas, estabelecendo rígidas correlações entre conhecimento exterior e interior, entre a superfície do corpo e a profundidade

de seu espírito.” Assim, quanto menor fossem os resultados nas medições da frenologia e da antropometria menor seria a pureza dessa raça, logo “naturalmente” segundo esses índices os

² Frenologia era a pseudociência que media o crânio e o cérebro.

³ A antropometria são o conjunto de técnicas usadas para medir o corpo humano.

brancos europeus eram os que estavam no topo desses índices.

A corrente filosófica do positivismo considerava “noções de ordem na natureza e da imutabilidade de suas leis e de uma conseqüente ordenação do conhecimento” (ANDERY e SÉRIO, 2007, p.8), e se tornava essencial para que aqueles que defendiam uma noção de humanidade poligenista, ou seja, uma humanidade que teve várias origens. Além disto, como os fenômenos eram imutáveis para positivistas, isso poderia e foi usado para justificar certa hierarquia na sociedade humana além da manutenção e garantias de benefícios. “sob essas condições naturais, a escola positiva tende, de um lado, a consolidar todos os poderes atuais, sejam quais forem seus possuidores” (COMTE apud ANDERY e SÉRIO, 2007, p. 390).

O determinismo biológico também foi uma vertente filosófica que foi encontrada nos folhetins. Os comportamentos tidos como negativos (a epilepsia, a loucura, o alcoolismo e todo tipo de vícios) e enfermidades (a tuberculose, sífilis e todo tipo de doença) estavam mais predispostos a ocorrer em membros de uma raça, neste caso aqueles tidas como inferiores que não poderiam evitar que estes males os afetassem.

Outra obra que mostra exatamente o pensamento eugênico brasileiro é “A redenção de Cam” do artista Modesto Brocos (Figura 3). A obra mostra duas mulheres, a mulher negra e mãe da mulher parda, um homem branco, e o gradual embranquecimento da raça, que pode ser representado na imagem da criança no centro da figura.

Figura 3: Imagem da obra “A redenção de Cam”, do pintor espanhol Modesto Brocos, indicando a miscigenação da raça entre os negros e europeus para embranquecer a raça (o bebê).



Fonte: Domínio público. Modesto Brocos. A redenção de Cam (1895). Óleo sobre tela, 199cm x 166cm. Rio de Janeiro : Museu Nacional de Belas Artes

A discussão presente nesse item, mostra que as artes e a literatura incorporaram as ideias de Darwin e de Galton de purificação melhoria da raça. O mesmo se deu pelos jornais e folhetins, que já eram de amplo acesso no final do século XIX e durante o século XX. A seguir discutiremos como as ideias de eugenia e embranquecimento foram apresentadas nos folhetins paraibanos.

3 O DISCURSO EMBRANQUECEDOR PARA A SOCIEDADE PELOS FOLHETINS

Conforme já mencionado, encontramos cerca de 50 folhetins paraibanos na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional². Nessa base, a pesquisa permite selecionar todas as edições, de um certo período, dos folhetins escolhidos, e a leitura apenas online. Na leitura online, é possível encontrar destacadas nas páginas, as palavras que foram usadas na busca. Desses 50 folhetins, a maioria falava sobre a vida política e social da elite paraibana, e eram destinados às altas classes, que sabiam ler. Além da mensagem de direita a membros do alto escalão dos políticos paraibanos, que poderiam criar leis eugênicas que atingiram toda sociedade paraibana, também faziam anúncios comerciais.

Folhetim A Ideia: Revista Critica Noticiosa

A primeira edição e segunda edição do ano de 1879 foram as que apresentaram material relevante para estudo. Neste folhetim foi possível detectar uma marca clássica do positivismo: somente pode aquele de moral, todo resto é estático, ou seja, a rígida hierarquia social se mantém.

“*Mas poderão todos os homens pensar igualmente?*”(a ideia,ed.1,no ano de 1879). Nessa frase podemos observar um questionamento típico dos defensores da tese do embranquecimento da raça, de que as “várias raças” de seres humanos que também tinham origem distintas, tese da poligenia, teriam diferentes capacidades cognitivas.

“*Será um eleito do povo? seria o descendente de uma genealogia nobre e privilegiada?*” (a ideia,ed.1,no ano de 1879). Desse modo podemos observar que os eugenistas faziam uma divisão entre raças, onde a raça europeia era a superior. Em outro trecho quando se refere a uma aspiração grandiosa se refere ao grande número de mulatos que existiam no Brasil. Isso porquê a tese de embranquecimento da raça no Brasil não era contraria a miscigenação, mas sim, incentivavam a miscigenação como meio de se chegar uma nação completamente branca.

Outro trecho:

já sabeis de onde vimos e que rota levamos, resta-nos fazer a divisão de nossas ideias, isto é, determinar a ordem do nosso pensamento para combater o erro profligar os costumes antagonista da civilização, para descobrir a verdade que assignala o progresso (a ideia,ed.1,no ano de 1879).

E:

² <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

O Homem se purifica pela civilização, que não está ainda limitando o círculo

de sua perfectibilidade e que no descurso dei se caminhar. Muito cessante para o Progresso. Ele irá deixando esses costumes, Hábitos Ou instintos bestiais Para Como a borboleta Que deixa? A crosta pesada da crisálida, soltos os voos Arroçados, de sua inteligência. Expandir sem receio todas as grandes faculdades de sua alma (a ideia,ed.2,no ano de 1879).

Nesses trechos podemos observar outra característica do positivismo a saber: a ordem vem antes do progresso; ordem que busca resguardar os costumes tidos como mais evoluídos e a repudiar os costumes tidos como menos evoluídos, ou seja, os costumes dos indivíduos negros, o que levaria por consequência a pátria ao progresso e traria a ordem. *Folhetim O Jornal (PB)* Este folhetim trazia em suas edições ‘boxes’ onde eram discutidos variados temas, incluindo a eugenia. Num dos boxes que continham eugenia (figura 4), foi encontrada a ideia de que, para o saneamento da espécie, seria importante que fossem criadas leis proibitivas para regulamentar o casamento entre pessoas “doentes”. Foi proposto o exame de sanidade pré-nupcial, cuja a finalidade seria evitar uma prole física e moralmente decadente.

As nossas altas personalidades que legislam, bem poderiam com certo empenho, dar perfeita solução a tão necessário quanto urgente problema de nossa vida social. não tínhamos o sorteio militar obrigatório, entretanto, hoje O temos e a lei se está cumprindo. não há, portanto, dificuldades em observar as leis do país, quando nosso povo, pacífico como é, sabe respeitar os deveres que lhe são, superiormente, impostos. (O Jornal, ed.34, no ano de 1924)

Figura 4: Página inicial do folhetim: O JORNAL



Fonte: Hemeroteca nacional. Folhetim: O JORNAL. Ano: 1924. Ed.0034

Como os folhetins circulavam na elite, haviam apelos diretamente para os legisladores para criação de leis eugênicas. A chamada profilaxia da espécie era tida como de vital importância.

Nesse sentido ela também era comparada a profilaxia rural, o argumento usado era que igualmente como se trata de endemias, porque não lutar contra as moléstias que afetam moralmente e fisicamente o povo. Outro argumento era que os indivíduos já nasciam fracos e que uma raça de descendência avariada, jamais seria de gente forte e com robustez física.

Outra proposta era a adição de certas formalidades no código civil para os casamentos. Esta adição seria um exame de sanidade por uma comissão médica, e que apenas depois dos noivos serem aprovados por essa comissão é que o casamento seria realizado. “Eu proponho mostrar nesse livro que as habilidades naturais do homem são derivadas pela herança, sob as mesmas limitações as quais são submetidas as características físicas do mundo orgânico como um todo” (GALTON, 1925, p. 1). Nesse sentido se habilidades do homem são adquiridas através da herança dá-se ao casamento uma imersa importância para os movimentos eugênicos.

Convenceu-se de que o estudo da hereditariedade proporcionaria técnicas para a melhoria da humanidade: homens e mulheres deveriam cruzar-se conforme suas características físicas e suas inteligências, do mesmo modo que os animais eram cruzados conforme seus tamanhos e agilidade (GALTON, 1925,p. 1).

Certamente para Galton a humanidade deveria fazer uma seleção artificial onde os mais aptos deveriam cruzar-se e gerar descendentes enquanto para os menos aptos seria negado o direito a reprodução.

Tratando-se de Moléstias curáveis. A comissão estipularia o tempo necessário para o devido tratamento, E voltado à nova inspeção uma vez terminado, o prazo estabelecido para a cura do nubente. A critério da mesma seria o interessado julgado. Em condições de casasse ou, si doente ainda submeter-se a outros exames, Após os intervalos de tratamento, E assim, até que atingisse a cura radical da moléstia, sem o que não teria direito de uniam licita ser-lhe-ai Interdicto Casamento civil. Só assim poderíamos. Sanear à espécie humana. Eugênizar da nossa raça. Já de si, tão decadente. Se os simples defeitos físicos. Em certos e determinados casos. Deveriam. Construir objetos de interdição, as núpcias, quantos mais os casos verdadeiramente positivos de nubentes, portadores de Moléstias transmissíveis entre os mesmos, E sobretudo. A futura descendência, só uma lei severa lançada pelas altas câmaras do país. Pode auxiliar no saneamento, na raça doentia. E não será caso de admiração, tanto mais quanto já temos a lei. De imprensa em vigor. Muito menos necessária. (O Jornal, ed.34, no ano de 1924)

Segundo *O Jornal* (Ed.42, no ano 1924), a limitação do número de filhos também é uma proposta feita por Malthus ⁴e que foi acolhida pelos eugenistas. Já para Paul Adam (1862-1920) era preferível se nascer doente e com dinheiro a vir ao mundo pobre e sadio! Conforme as ideias de Paul Adam, o casamento só deveria ser permitido a pessoas com dinheiro suficiente para garantir o futuro dos seus descendentes e caso um casal tentasse se casar sem possuir renda necessária o casamento seria interditado por lei (CASTANEDA, 1998).

No entanto, de acordo com o *O Jornal* (Ed.42, no ano 1924) os eugenistas não concordavam com as ideias de Paul Adam, pois, segundo eles de nada adiantaria uma descendência rica, mas que não podem gozar dessa riqueza; já as ideias do malthusianismo⁴ eram melhor aceitas pelos eugenistas, logo estariam por tabela eugenizando as raças reduzindo e limitando o número das raças inferiores.

e apela para os homens da lei, que lancem as bases fundamentais da profilaxia da raça humana, a eugeniização da espécie. jamais parece-nos, serão admissíveis as opiniões de Paul Adan: que importa nascermos doente havendo syphilis, cachelicos, predispostos a tuberculose se herdamos... é incrível que o espírito radiante de um dos mais conhecidos literários da França, chegasse à concepção de ideias tão absurdas. (O Jornal, ed.42, no ano de 1924)

Novamente é visto um apelo direto a aqueles que fazem as leis para que atentem para as ideias eugenista de profilaxia da raça humana, na crítica a Paul Adan é possível perceber que os eugenistas brasileiros se importavam mais com a robustez do físico, do moral e da saúde do que com as posses do indivíduo. Os eugenista comentavam que a eugenia era a ciência de aperfeiçoamento da humanidade, *“mostrando nos que selecionar é o mesmo que eugenizar, E que sanear é também aperfeiçoar”*; (O Jornal, ed.31, no ano de 1923). O saneamento da espécie era visto como essencial para resolver os problemas sociais também era visto como uma forma de se alcançar a robustez física e aperfeiçoamento moral.

Os defensores da eugenia acreditavam que a humanidade estava se degenerando, pois, os costumes se degradando e também pela falta de eugeniização, além disto, também alegavam a falta de leis que regulamentassem a união entre humanos e que proibissem a uniam entre indivíduos portadores de Moléstias contagiosas. Assim Castañeda (1998) afirma que os eugenistas buscavam a eliminação sífilis, tuberculose e alcoolismo, fatores considerados degenerativos da raça, além de contribuírem com o empobrecimento, a miséria e a loucura, através das leis que selecionavam os noivos com as melhores características.

Precisamos, quando antes, modificar os nossos costumes, para que possamos possuir um país de raça forte, física e moralmente, sadia e vigorosa, capaz de enfrentar as lutas da vida e pela vida, que será, em futuro bem próximo, de um país cuja habitantes se debatem, sem tréguas, em tremenda e constante refrega, com as mais terríveis endemias, já não levando encontra os surtos epidêmicos de muitas outras moléstias, para ter em vista somente as formas de tipo contínuos, se não tomar serias providências no que respeita as regras de eugeniização? Que teremos, então, se não lançarmos as bases de uma campanha radical de saneamento rural, físico, moral e... de espécie?

⁴ Thomas Malthus (1766-1834) defendia que o crescimento da raça humana deveria ser limitado, pois, chegaria em um momento que a produção de alimentos não acompanharia o crescimento da população o que ocasionaria um catástrofe para a espécie humana.

Eugeniar é senear, diz Renato Kehl; Pois bem, o saneamento da raça é uma necessidade tão palpante, como é o rural aqui a profilaxia agindo contra as endemias que deixam uma população de amarelos, empanturrados e hydropicos, tipos verdadeiramente infelizes sem coragem e sem ação, apáticos em miseráveis; (O Jornal, Ed.31, no ano de 1993)

Para os eugenistas, todas os males sociais e endêmicos eram causados devidos a falta de eugeniização; quando providências de regras de eugeniização fossem tomadas, todos esses males seriam sanados e teríamos uma população forte, física e moralmente, sadia e vigorosa.

Os defensores do ideais eugenistas acreditavam que pais luéticos e degenerados geravam uma prole de syphiliticos e cretinos. O Saneamento da raça era visto como o único meio para se alcançar “homens Fortes, sadios e destemidos, recomendáveis perante os povos dos outros países, pela coragem, pela força física, robustes e linhas estética.”, entretanto eles alegavam que era necessário para se alcançar essas metas leis eugênicas que fossem cumpridas rigorosamente. Os idealizadores do pensamento eugênico achavam que estavam fazendo um bem para os povos tidos com inferiores ao fazer valer seus ideias eugênicos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo Pimentel (2010) ainda existem, no meio acadêmico, aqueles que separam a ciência e a cultura e que estas seriam regidas por características opostas: enquanto à ciência seria atribuída a racionalidade, a objetividade, o conhecimento da natureza; para a cultura seria atribuída a subjetividade, o afetivo e o criativo. Nesse sentido caso a ciência seja analisada apenas do ponto de vista racionalidade, descartando a subjetividade que o cientista usa para criar sua teoria, poderíamos chegar à conclusão que teorias como o embranquecimento da raça ou a eugenia seriam frutos de um conhecimento da natureza sem interferência da subjetividade do cientista, e que essa subjetividade poderia enviesar sua teoria e leva-la a fugir do natural e favorece o cientista criador da teoria.

A neurociência moderna mostra que o córtex orbito-frontal integra emoções ao fluxo do pensamento racional: portanto os seres humanos não são seres puramente racionais que conseguem se desligar completamente de suas paixões para analisar o mundo que os cerca (LIVIO, 2017). Não há fundamentação historiográfica para um darwinismo social e um darwinismo não-social: “O darwinismo seria social pela simples razão de que a própria ciência é Social” (LIVIO, 2017)

Pimentel (2010) apontou que os cientistas podem reelaborar seus discursos científico dependendo para que público estão dirigindo seu discurso. Quando as “imagens padrão de referência” (MENEZES, 2005, p. 73) colocadas sobre os corpos negros, esses padrões, muitas vezes, colocam os negros com características negativas ou em posições de inferioridade ao branco e quando esses padrões são naturalizados os próprios negros assumem esse padrão de qualidade como verdadeiro para as sua vivência em sociedade.

Por outro lado, a utilização em demasia de estudos “científicos” em jornais de amplo acesso, também constroem uma visão distorcida do caráter, finalidade e natureza da ciência. Ainda que isso não justifique a atual descrença na ciência, ou o negacionismo científico, fica claro que divulgação de estudos científicos precisam ser muito bem analisadas antes de

atingirem um público que não possui critérios o suficiente para se aprofundar no assunto e identificar problemas.

De certa forma, podemos concluir que já nos folhetins paraibanos analisados existe um princípio de racismo, que perdura até o século 21, pois, se levamos em conta a teoria da dupla herança (TDH), formulada por Abrantes (2014), que não apenas os genes são passados para a próxima geração como também a cultura, definição de cultura, se essa cultura for racista, a perpetuação do racismo acontece.

“Cultura” é definida, no âmbito da TDH, como “informação, capaz de afetar o comportamento dos indivíduos, que eles adquirem de outros membros da sua espécie através da aprendizagem, imitação, e outras formas de transmissão social”. (ABRANTES, 2014, p.9)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERY, Maria Amáli; SÉRIO, Tereza Maria Pires. Auguste Comte (1798-1857). In: ANDERY, Maria amália et. al (Orgs.). Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 373-394.

ABRANTES, Paulo. C. NATUREZA E CULTURA. **Ciência & Ambiente**, Santa Maria, n.48, p. 7-21, 2014.

ABRANTES, Paulo. C. CONFLITO E COOPERAÇÃO NA EVOLUÇÃO HUMANA. **Ciência & Ambiente**, Santa Maria, n.48, p. 289-301.

CARLOS, A. R.; PRESTES, M. E. de B. . **Contextualizando The descent of man, de Charles Darwin: debates calorosos persistem após 150 anos de sua publicação.** *Filosofia e História da Biologia* , [S. l.], v. 16, n. 2, p. 131-171, 2021. DOI: 10.11606/issn.2178-6224v16i2p131-171. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/fhb/article/view/fhb-v16-n2-01>. Acesso em: 26 jun. 2022.

CASSIANI, Suzani; SELLES, Sandra Lucia Escovedo; OSTERMANN, Fernanda. Negacionismo científico e crítica à Ciência: interrogações decoloniais. **Ciência & Educação** (Bauru), v. 28, 2022.

CASTAÑEDA, Luzia Aurélia. APONTAMENTOS HISTORIOGRÁFICOS SOBRE A FUNDAMENTAÇÃO BIOLÓGICA DA EUGENIA. **Episteme**, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 23-48, 1998.

COURT, V. D. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. **Scientia e Studia**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 201-18, 2008. Disponível em: <https://cutt.ly/oPhVe9a>. Acesso em: 26 jun. 2022

DÁVILA, J. Diploma de brancura: política social e racial no Brasil – 1917-1945. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

DARWIN, Charles. **A Origem do Homem e a Seleção Sexual**. [1871]. Trad. Eugênio Amado. Belo Horizonte: Garnier, 2019.

DOMINGUES, Joelza Ester. **“O fardo do Homem Branco”**: exaltação do imperialismo. 6 de ago. de 2020. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/o-fardo-do-homem-branco-exaltacao-do-imperialismo/> - Blog: Ensinar História. Acesso em: 11 de maio de 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DA MATTA, Roberto. **“Você sabe com quem está falando?”**. In Carnaval, malandros e heróis. 3ª ed. Rio de Janeiro, Zahar. 1981 .

ENÉAS, Jacqueline Xavier Silva; TEIXEIRA, Ricardo Roberto Plaza “combater o negacionismo” . NEGAÇÃO DA CIÊNCIA E EDUCAÇÃO CIENTÍFICA. **Revista Ciências & Ideias** ISSN: 2176-1477, v. 13, n. 1, p. 198-215, 2022. MBEMBE, Achille. (2016). Necropolítica. Arte & Ensaios, 32.

HOFSTADTER, Richard. **A invenção das tradições**. São Paulo, Paz e Terra. 1987.

Hereditary Genius: an Inquiry Into its Laws and Consequences. 2.ed. Londres: MacMillan & CO., Limited, 1925.

LIVIO, Mario. **Tolices brilhantes**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

MENEZES, Paulo Roberto Arruda. **O nascimento do cinema documental e o processo não civilizador**. In : MARTIS, J. S. ; ECKERT, C. ; NOVAES, S. C. (orgs.). O imaginário e o poético nas ciências sociais. EDUSC, Bauru. (2005).

NETO, Nivaldo Aureliano Léo. **Divulgação e Educação Científica Racista no Boletim de Eugenia (1929–1933): Uma Análise Crítica com Vistas a Contribuir para uma Educação em Ciências Contemporânea**. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*. 2021.

PIMENTEL, Juan. **¿QUÉ ES LA HISTORIA CULTURAL DE LA CIENCIA?**. *ARBOR Ciencia, Pensamiento y Cultura* CLXXXVI 743 mayo-junio (2010).

RONCOLATO, murilo. **A tela “A Redenção de Cam” e a tese do branqueamento no Brasil**. Edusp, 2018. Disponível em: <https://www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil/>. Acesso em: 11 de maio de 2022.

VILELA, M. L.; SELLES, S. E. (2020). **É possível uma Educação em Ciências crítica em tempos de negacionismo científico?**. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, v. 37, n. 3, p. 1722-1747.